



[www.observatoriodacritica.com.br](http://www.observatoriodacritica.com.br)

Sexta, 5 fev de 2010.

Disponível em:

<http://www.cronopios.com.br/site/critica.asp?id=4402>. Acesso em: 5 out 2010.

### **Luiz Costa Lima e a paranóia acrítica**

Reuben da Cunha Rocha

No último 17 de janeiro foi publicado no caderno Mais!, da Folha de S. Paulo, texto do crítico Luiz Costa Lima sobre o relançamento de *Paranóia*, obra de estréia do poeta Roberto Piva. Publicado originalmente em 1963, o livro é o primeiro tiro numa trajetória personalíssima e independente, desencanada das preocupações oficiais da poesia brasileira e mais interessada em manter vivo um espaço de confluência entre poética transgressora, conhecimento orgiástico e vivência mística.

Algo que agora dá pra pôr em perspectiva: dispersos por décadas, esparsamente editados, os exemplares correndo de mão em mão & os poemas de boca a boca, passados mais de 40 anos daquele marco inaugural os livros de Piva voltam às livrarias, reunidos em três volumes através dos quais ficam mais visíveis os desdobramentos, a potência e as consequências numa escritura que não se quer menos que possibilidade existencial e concreta de liberdade.

Liberdade, diga-se, também em relação às suas próprias conquistas. Uma leitura cronológica da obra do poeta aponta para transformações sutis e graduais que o livram do risco de, na esteira da celebração de seu trabalho inaugural, imobilizar-se em clichês e sombras de si mesmo. Na introdução ao primeiro volume das obras reunidas, Alcir Pécora anota algo sobre estas

mutações, que vão duma primeira fase “whitmaniana” a uma segunda “de traços psicodélicos” e uma mais recente, visionária e mística. Fundamentalmente, exercícios de radicalização duma literatura que “quer encarar tudo”, como atestam Pécora e os demais textos que acompanham os volumes. Só o que não o atesta é a resenha de Luiz Costa Lima.

O crítico se esquivava por bons sete parágrafos até dizer a que veio: reforçar dicotomias fora de contexto, preconceitos fora de propósito e credos poéticos no lugar de poemas. Antes disfarça informação com confusão, como quando elogia o livro como objeto estético e atribui sua “excelência gráfica” à editoração, às fotografias de Wesley Duke Lee e à introdução de Davi Arrigucci – certamente luminosa, mas não sei até que ponto responsável pelo deslumbre visual da edição.

Então, na apreciação crítica dedicada por Arrigucci e pelos demais comentadores à poesia de Piva, Luiz Costa Lima vê uma vantagem, retirar o leitor “do limbo que cobre a poesia brasileira entre os anos de 1950 e começos do (sic) década seguinte”. Ou seja: as leituras destes críticos cumprem na visão do resenhista o papel de mera historiografia, nem passando por sua cabeça que deponham a favor da força poética dos livros. A questão para ele é que esclarecem haver, ali no começo dos 60 e antagonicamente ao “vento em popa que impelia a poesia concreta”, uma linha “passional-emocionalista, de que Roberto Piva era a figura por excelência”. Desta forma, o bom da reedição das obras do poeta estaria nos ensaios e no que dizem duma época, ainda que contraditoriamente o crítico ofereça esta vantagem ao leitor “interessado na apreciação efetiva do livro”.

Atravessadas confusões e pedidos de perdão, Luiz Costa Lima diz a que veio: segundo ele, “construtivismo” de um lado e “passional-emocionalismo” do outro são extremos que não se tocam, sendo portanto natural que “os intérpretes se manifestem a

favor de uma ou de outra linha e que o mesmo abismo se repita em sua divulgação”. Se a reedição da obra inteira de Piva na verdade testemunha sua sobrevivência ao nhenhém escolar e paroquial da história de nossos grupos estéticos, bem como sua capacidade de dizer coisas novas em contextos novos e a renovados leitores, a resenha de Luiz Costa Lima, talvez por estar mais preocupada em defender algo do que em explicar, opera um exercício de desleitura que só depõe contra o crítico e a crítica.

Desleitura, primeiro, quando qualifica a poética de Roberto Piva como “passional-emocionalista”, mímico terminológico que mais confunde que compreende. Seria mais esclarecedor, e mais às claras, situá-la no contexto da linhagem romântica que agrega desde poetas místicos ingleses até Rimbaud e deste a Artaud, Whitman e a poesia beat etc., sob uma ética de rebelião pela qual o homem, “tal como na Grécia dionisíaca, deixará de ser artista para ser Obra de Arte”, como escreve Piva no posfácio a *Piazzas* (1964). Trata-se de um comprometimento estético com a existência, da imaginação que imagina outras formas de vida, alternativas ao objeto pré-fabricado ofertado pelo Capital. Em suma, da linguagem na direção da liberdade, do sonho e da subversão.

Ao contrário do que pensa Costa Lima, não há “euísmo” neste território, há um projeto de criação para o qual “o objetivo de toda Poesia & de toda Obra de Arte foi sempre uma mensagem de Libertação Total dos Seres Humanos escravizados pelo maquiavismo moral dos Preconceitos, dos Tabus, das Leis”. Uma linhagem de criadores que não deve ser lida nem pode ser entendida puramente por obras, livros, poemas – mas não porque suas obras, livros e poemas não se ponham de pé sozinhas, ao contrário: é que para eles a escritura não basta. Dizendo com Octavio Paz num texto sobre Duchamp, “a arte é um meio de liberação,

contemplação ou conhecimento, uma aventura ou uma paixão”, e “o fim da atividade artística não é a obra, mas a liberdade. A obra é o caminho, e nada mais”. É evidente que não se trata de converter leitores a essa idéia (conversão nem cabe num projeto libertário), mas de que não faria mal a uma resenha sobre *Paranóia* informar-se disto que é seu contexto.

Pela remissão a Octavio Paz se chega à segunda desleitura: reiterar dicotomias que não apenas perderam o sentido, como também, se um dia o tiveram, foi mais à custa de preconceitos e birras que de coerência estética. Digo isso porque Octavio Paz, poeta de sofisticada consciência romântica, no contexto brasileiro dialoga tanto com Piva, ou Claudio Willer, quanto com Haroldo de Campos, como registrado em pelo menos um livro, *Transblanco*. Julio Cortázar é outro que, por um lado amigo de/traduzido por Haroldo, por outro defende repetidamente o surrealismo como cosmovisão e filtro existencial da realidade. Ou Walter Benjamin, cuja compreensão da poesia como “historiografia inconsciente” ao mesmo tempo se afina com o pensamento poético de Piva e não impede que Haroldo de Campos se aproxime com interesse de suas idéias sobre tradução. E que dizer de Rimbaud, a quem nem Augusto de Campos resistiu, ainda que forçando a barra para transformá-lo em Mallarmé?

Se o projeto dos poetas concretos e o de Roberto Piva apontam pra realidades criativas marcadamente distintas, não é verdade que o “abismo” entre ambos seja “intransponível”. Isso desde o contexto polarizado dos anos 50-60, através desses pontos de contato na base das referências, depois pela produção poética de gerações mais novas que, a despeito da resignação de Costa Lima, não dão a mínima para polêmicas fora de lugar e realizam suas sínteses com inteligência e vigor poético: Ademir Assunção, Ricardo Aleixo, Claudio Daniel, Joca Reiners Terron, Ricardo Corona, uma lista que só deve aumentar.

Ainda quero dizer algo sobre uma terceira desleitura. Embora escreva que “a interpretação do ficcional poético não se confunde com o tomar partido a priori”, a última parte da resenha de Luiz Costa Lima é uma lição de apego a juízos pré-concebidos. Pois é em função de uma pergunta pré-formatada que o resenhista se aproxima de alguns versos de *Paranóia* – “em que a alucinação (provocada sobre a página) tem a ver com poesia? A transgressão afeta a algo mais que o mais primário dos enunciados?”.

Eu diria que a alucinação tem tanto a ver com poesia quanto qualquer outra coisa, e que desde Baudelaire, como todo mundo sabe, não há mais o “poético” e o “não-poético”. Ou que a força do poema não depende de método ou credo criativo, mas, bem, da força do poema. Roland Barthes diria, quanto à segunda questão, que a subversão provocada sobre a página é a via pela qual o escritor escapa à Doxa – aos poderes, às morais. Não creio que fora da página seja diferente. Como respondem os poetas da linhagem de Roberto Piva (não apenas eles), a transgressão – pelo delírio ou imaginação, por práticas subversivas nem sempre vinculadas a uma concepção romântica de poesia – significa a possibilidade de experimentar outras formas de ser, conviver e criar. Não me parece pouco.

**Reuben da Cunha Rocha** (São Luis/MA, 1984) não tem currículo. Gosta de experimentações e de inconformismos. E-mail: reubencr@gmail.com